



Travessias,  
**Cordisburgo**  
e suas veredas



ATÍLIO AVANCINI

O

sino da igrejinha centenária rompe o burburinho dos pássaros e da gente mineira. São 18 horas. Suas portas e janelas azuis de madeira estão abertas. O espaço barroco acolhe rezadores anônimos: luzes flamejam, madeiras rangem, paredes se desprendem. Parece que escuto o ilustre João Guimarães Rosa, relembrando a fundação do arraial de Cordisburgo na capela de São José, primeira edificação da cidade. “Tem horas antigas que ficam muito mais perto da gente, do que outras de recente data.”

**ATÍLIO AVANCINI**

é professor do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP e autor de *Entre Gueixas e Samurais: Fotografias e Relatos de Viagem* (Imprensa Oficial/Edusp).

Fotos: Atílio Avancini





Cordisburgo é um aparente nada. Duas ruas principais: a do alto, próspera e imponente; a de baixo, festeira e desordenada. Final do dia, as mesas dos bares vão para as calçadas da rua inferior, Padre João. E recebem as mãos calejadas por entre copos e garrafas de cerveja. É a hora dos “causos” picantes, entremeados pelo som acústico das caixas de som, em que o axé baiano impõe outros passos.

A noite chega. Descubro a caminhada pelos recantos do sobe e desce urbano. O céu estrelado e o vento fresco pertencem a todos. Num canto, o violão juvenil encanta um casal. Noutra, a moto rosnante marca presença. Cadeiras nas calçadas, crianças espalhadas, moças sonhadoras, cachorros vagantes, papéis abandonados. Retrato a cidade.

O Museu Casa Guimarães Rosa é como a primeira luz da manhã: ponto de partida. Mergulho como seta em sua fronteira. Instalado de frente à Estação Ferroviária, o museu abriu pela primeira vez suas portas em 30 de março de 1974. A fachada está bem conservada, a calçada ordenada e limpa. No passeio à frente, um pequeno arranjo: a grama repousa entre madeiras e cerâmicas, a árvore sombreia o banco artesanal. O escondido museu é o traço erudito na popular Padre João.

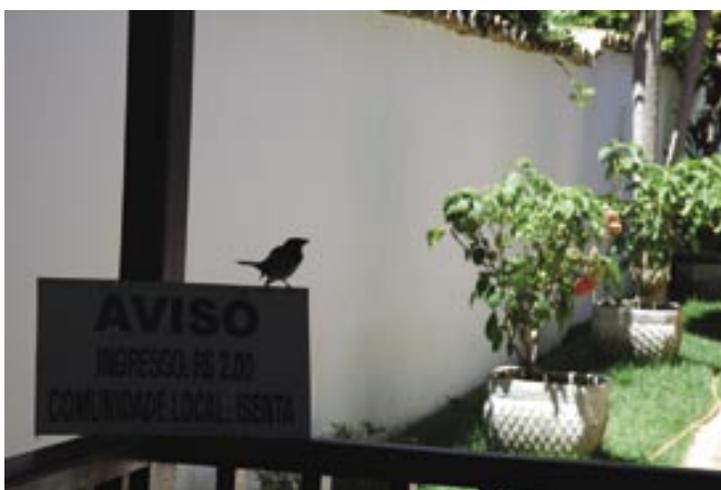
## A CASA E OS PÁSSAROS

Adentro aquele espaço sagrado. Percebo a manifesta sinfonia. São os pássaros que



cantam em várias vozes a sabedoria escondida. Eles não têm medo de gente grande. A placa é uma placa – pura matéria-poleiro, sem qualquer uso social –, nela se inscreve o preço do ingresso de dois reais. O assoalho de madeira reflete suavemente a luz natural que atravessa a cortina branca do janelão da fachada. No tecido amassado, uma luminária em forma de cabeça projeta imaginações.

Guimarães Rosa nasceu em 27 de junho de 1908 nesse espaço arquitetônico preservado. Residente com os pais de 1908 a 1917, partiu para Belo Horizonte atrás da Medicina, depois seguiu a carreira diplomática. Contador de histórias sempre foi. Contemplo a ambientação da sala, não-original, com móveis de época. Ao lado, na alcova, as sombras do *Grande Sertão: Veredas* (1956) na máquina de escrever Remington Rand.





Na imensa e iluminada fotografia em preto e branco exposta na parede, constato que o pequeno quarto interior é uma réplica do seu escritório no Rio de Janeiro. A imagem me permite admirar o romancista-viajante, cuja palavra maior era o brasileiro, cuja aldeia era o livro.

Vejo luzes disformes no quarto que tinha sido dos pais, onde repousam alguns objetos e peças de vestuário do escritor: cadeira de balanço, maleta de médico, tabuleiro de xadrez, cinto e sapatos de couro, roupão de cetim, terno e cartola pretos. Paro diante da coleção colorida de gravatas-borboleta – o escritor não sabia dar nó nas gravatas. Mestre Drummond, no jornal *Correio da Manhã* de 22/11/1967, sintetiza minhas incertezas. “Guardava rios no bolso, cada





qual em sua cor de água sem misturar, sem conflitar? Ficamos sem saber o que era João e se João existiu de se pegar.”

À frente, o quarto de vovó Chiquinha. Olhar aquele ambiente é imaginar a senhora pedindo ao neto para ajudar o pai comerciante. O terço de caroços de azeitona e a colcha de algodão me fazem lembrar a doutora Calina Guimarães, médica como o primo querido, Joãozito Guimarães. Elegante, ativa, delicada e sorridente, dona Calina é chave nesse processo de valorização cultural e resgate histórico. Ela me conta de sua aposentadoria e que cede seu apartamento de Belo Horizonte para jovens universitários de Cordisburgo. “Quando vou para lá, fico em hotel”, afirma na simplicidade de seu sotaque mineiro.

Doutora Calina fundou a Associação de Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa. Elaborou um projeto de reforma do telhado, do assoalho de madeira, da venda de seu Fulô—pai do escritor. À frente da Associação de Amigos criou os grupos Miguilim, de contadores de história, e Estrelas do Sertão, de terceira idade. Além da Biblioteca Riobaldo e Diadorim. O museu, vinculado à Superintendência de Museus do Estado de Minas Gerais, já é tombado pelo Iepha-MG, mas a Associação propicia captação de recursos, representatividade, inclusão social e cidadania.

À frente do museu está o historiador e pedagogo Ronaldo Alves. Sua meta na direção é divulgar a vida e a obra de Guimarães



Rosa para o público em geral. Ressalta os projetos das comemorações do centenário do escritor para a Semana Rosiana, edição 2008: lançamento de selo, exposição da vida e obra de Guimarães, caminhada eco-literária nas veredas, edição de um suplemento literário, oficinas de arte, mostra de filmes na praça, mesas-redondas.

Pergunto sobre uma antiga fábrica de cerâmica, nas proximidades do museu, que hoje está abandonada. “Quem sabe um futuro Centro Cultural para a Associação de Amigos”, afirma. Cidade tão carente, não custa imaginar as quatro chaminés simbolizando uma mais ampla interlocução entre os moradores e o escritor. Embora Cordisburgo tenha acabado de receber o Centro de Atendimento aos Turistas, que conta com um auditório com 200 lugares. Ronaldo Alves





salienta que na última Semana Rosiana a cidade recebeu cerca de 5.000 participantes. Vale ressaltar a bela Gruta do Maquiné, que ajuda a aquecer o turismo local.

## RECEITAS E MEMÓRIAS

Saio da sala sentindo cheiro de comida mineira. E me deparo na parte da casa onde se preparavam os alimentos, com um fogão a lenha original. Comer, para qualquer povo, é sempre um ritual. Pelas correspondências de Rosa, a sua lembrança de Cordisburgo se expressava pelas refeições em torno da mesa de sua infância e juventude. Arroz, feijão, mandioca, couve, farinha, lombo, quiabo, pimenta. Também o doce feito no tacho de cobre. Doce de leite, laranja-da-





terra, mamão verde, jenipapo, figo, banana. Ao final, o café e o cochilo no sofá.

Da cozinha, enveredo para o grande salão de exposições, localizado nos fundos da casa. O espaço acolhe belas fotos ampliadas manualmente em preto e branco e emolduradas. A primeira imagem da mostra reúne o fotógrafo Eugênio Silva e o jornalista Álvares da Silva, que fizeram uma reportagem fotográfica para a revista *O Cruzeiro* (1952), da comitiva na qual participou, segundo a revista, “o vaqueiro Guimarães Rosa no sertão das Gerais”. Surpreende o orgulhoso jornalista de camisa branca, gravata preta e óculos escuros.

A segunda foto é uma reprodução da abertura da matéria em página dupla, intitulada “Um Escritor entre Seus Personagens”. À esquerda da página, a foto-manchete

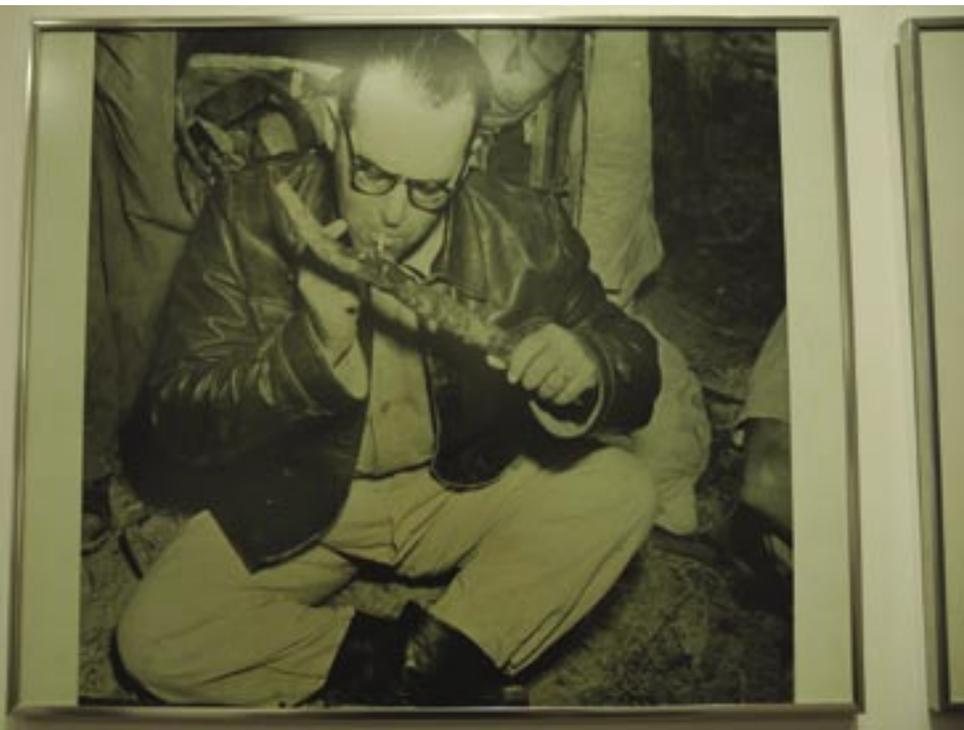
retrata os cavaleiros com as 180 cabeças de gado, convidando o leitor a participar da travessia. Ao lado direito, um retrato histórico de Rosa, portando chapéu, óculos e casaco de couro, circundado por arreio, árvore, alforje e matula. Abaixo da página, o retrato de sete cavaleiros, que conduziram a tropa por 10 dias e 40 léguas de marcha entre as fazendas Sirga e São Francisco, de Araçá (MG) às barrancas do Rio São Francisco.

Os sete retratos e outros mais, que na exposição estão ampliados individualmente, apresentam fotos antropológicas desses honrados vaqueiros. Todas as imagens de Eugênio Silva apresentam o mesmo ângulo de baixo para cima, registrando o céu e as nuvens ao fundo. Boiadeiros montados, munidos de cajado e chapéu, olham o infinito. Bindóia, o tocador de berrante. Zito,

o guieiro e berranteiro. Manelão, de paletó, o capataz e encarregado de dar assistência a Rosa. Gregório, o vaqueiro silencioso. Santana, o vaqueiro-mestre. E também Sebastião Leite e Pedro Baiano.

Na exposição, uma foto da partida do grupo comprova: o único cavalo é o de Chico Moreira, primo de Guimarães, dono da boiada e das duas fazendas. Detalhe, primo Chico fez a viagem num jipe ano 51. Rosa montava a besta Balalaica, os demais seguiam em burros. Queimadão, Pedrês, Azulão e Pirilampo.

Outra imagem clássica do escritor é o seu flagrante acendendo o cigarro num toco de madeira em brasa. Tal imagem evidencia a sua identidade com a cultura local. O poeta não parava de escrever em sua caderneta os costumes sertanejos. Anotava tudo: palavras, frases, expressões, histórias,



crenças, clima, morros, nomes de fruta, animal e árvore. Dizem que, ao perguntar uma vez se uma fruta venenosa era comestível, Manuelão teria tido vontade de dizer que sim, “pois assim aquele homem se calaria para sempre”. Manuelão, que na linguagem textual de Rosa passou a Manuelzão, foi a fonte de inspiração para as histórias de pessoas reais, assim como de lugares desconhecidos e fantásticos.

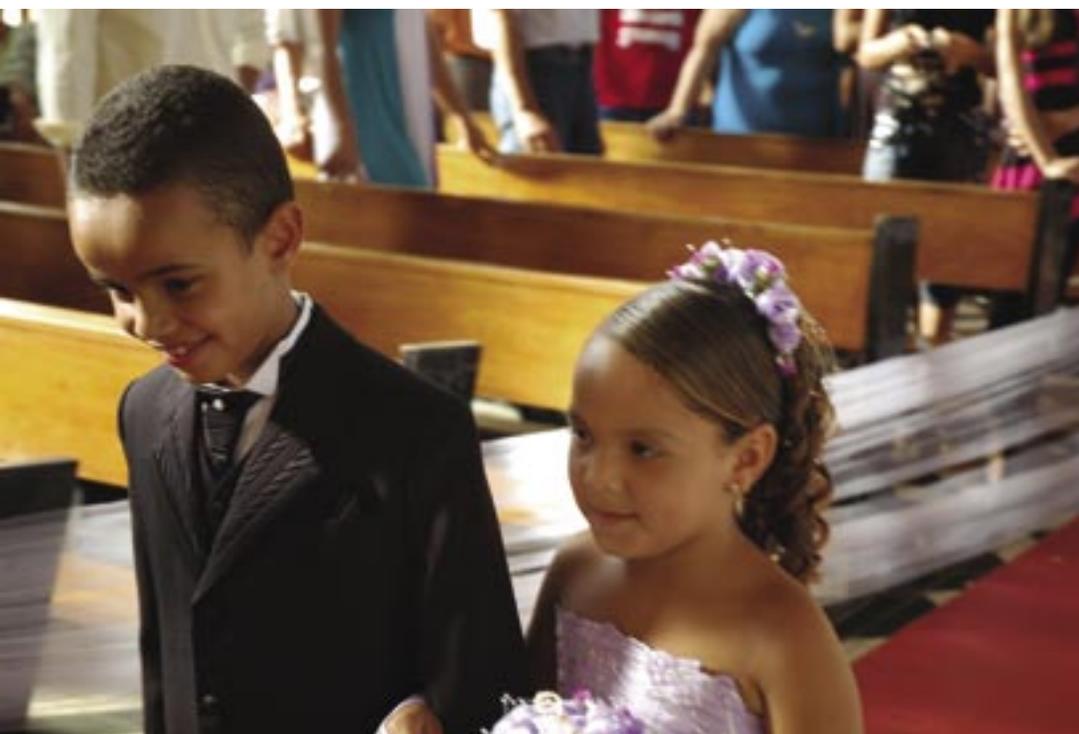
## OS MIGUILINS E A COMUNIDADE

Sob o galpão do quintal, os Miguilins se apresentam em pé no piso de cerâmica vermelha, ladeados por carro-de-boi e bancos de madeira para acomodar a platéia. Ou declamam sob a venda de seu Fulô, que

funcionava na parte da frente da casa até 1923. O armazém de seu pai comercializava secos e molhados. Arroz, feijão, milho, fumo, pinga, sal, tecido, perfume, sabonete, moringa, tapete. Sabe-se que o menino Joãozito se sentava debaixo do balcão para escutar a conversa dos fregueses. Histórias que, tempos depois, o escritor iria contar. A jovem Miguilim verbaliza textos originais de Rosa, em voz alta e com gestos e entonações apropriadas, como o início da novela “Campo Geral”, originalmente parte do livro *Corpo de Baile*. “Um certo Miguilim morava com sua mãe, seu pai e seus irmãos, longe, longe daqui, muito depois da Vereda-do-Frango-d’Água e de outras veredas sem nome ou pouco conhecidas, em ponto remoto, no Mutum.”

A idéia de criar o grupo Miguilim surgiu em 1996 para promover um contato de





estudantes da rede pública com a literatura, visando à ampliação do universo escolar. O processo de formação leva dois anos. O foco é a vontade e o prazer, garantindo um desenvolvimento das potencialidades de cada um. Dora Guimarães e Elisa Almeida, a cada quinze dias, promovem encontros voltados para a memorização, vivência, oratória, interpretação, compreensão dos textos. À juventude dos Miguilins, entre sete e doze anos, contrapõe-se a maturidade narrativa do escritor. E como todos os textos de Guimarães, a apresentação dos Miguilins dá ânimo para ser revista muitas vezes, sempre com renovado encanto.

Jovens em geral se deixam arrebatar pelo discurso. A narrativa textual lhes ensina o que está por trás da literatura, a própria vida. É um assunto vasto, excitante,

um alimento para a formação individual. Guimarães tem muito a ver com os estágios da vida, como o sábio Manuelzão e o menino Miguilim. A fala é um tipo de cerimônia de iniciação, quando se passa da infância para o mundo adulto, lembrando o ritual do casamento.

De fato, não há evento mais interessante do que assistir a um casamento na igreja matriz de Cordisburgo, onde Guimarães foi batizado. Bom mesmo é receber as bênçãos do padre diocesano, José Maurício Gomes, que também é o prefeito da cidade pelo Partido dos Trabalhadores, gestão 2005-2008. Na sacristia ele explica por que deixou a casa paroquial, quebrando sete gestões de políticos fazendeiros. “Um pedido espontâneo da comunidade, a população já havia perdido o encanto pela gestão pública”.

## VEREDAS E BURITIS

José Oswaldo dos Santos, o Brasinha, raramente está na loja que leva o seu apelido. Fica “roseando”, isto é, fazendo parte ativa do mundo de Guimarães. Toda vez que alguém chega à cidade, querendo saber sobre a vida do escritor, o povo recomenda a sua sabedoria. Quem manda na Loja Brasinha é sua esposa Darci. Dentro não há quase espaço para circular, tampouco para contemplar. Fora, grafitado na parede da esquina, o recado do mestre Rosa. “Quando escrevo, sinto-me transportado para este mundo mágico, Cordisburgo.”

Como um pássaro-anfitrião, Brasinha é guiador à Vereda-Mombuca. Ele conhece os

moradores antigos das fazendas da região. Por vontade própria é o abridor de portei-  
ras e de histórias de ruído áspero. Falante, expressivo, inteligente, cordial. Tece explicações durante o caminho. “O sertanejo é rude, mas tem o coração muito grande – o sertão ficou do tamanho do mundo.”

Naquela mata de vegetação enfezada e árvores tortuosas, visualizo a vereda como local raro, tomada por água abundante: matéria perfeita, fecunda e singela, totalmente plástica. No baixo lamacento, as águas representam a infinidade dos possíveis; no azul-sublime, correm nuvens alvas sobre fileira de buritis (espécie de palmeira).

Brasinha – olhos azuis, barba grisalha, chapéu e botas de couro – tece as mais variadas combinações imaginárias. Pelos valores





básicos do próprio sertanejo, dá sentido à obra máxima de Guimarães. “*Grande Sertão* é deserto, sacrifício, penúria, dureza, inferno, demônio. *Veredas* é oásis, descanso, penitência, felicidade plena, acomodação da travessia, Deus.”

---

## BIBLIOGRAFIA

- BORYSOW, Vitor. *Cordisburgo: Cidade do Coração*. Exposição fotográfica, Espaço D'Ávila, Departamento de Jornalismo e Editoração, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2001.
- CAMPBELL, Joseph. *O Poder do Mito*. São Paulo, Palas Athena, 1990.
- DARDOT, Liliane; ALMADA, Márcia (orgs.). *O Coração do Lugar: Depoimentos para Guimarães Rosa*. Belo Horizonte, Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2006.
- DELFINI, Mariana de Toledo. *Cordisburgo de Passagem*. Trabalho de Conclusão de Curso, Departamento de Jornalismo e Editoração, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2007.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Manuelzão e Miguilim*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2004.
- SILVA, Eugênio. *Um Escritor entre Seus Personagens*. Exposição fotográfica, Museu Casa Guimarães Rosa, Cordisburgo, 2007.

